



Os Lusíadas

Luís Vaz de Camões

Introdução: o século XVI em Portugal

A aurora do Classicismo português coincide com a aurora do "achamento" do Brasil — fato que não ocorre isolado do contexto, já que é fruto da enorme evolução técnica e científica — invenção da bússola, do astrolábio, aperfeiçoamento da cartografia, entre outros inventos — que o homem europeu desse período experimenta.

A Europa, com antecipação da Itália, presencia um desenvolvimento econômico, científico, cultural jamais visto. O mundo sai da escuridão da Idade Média, ignora o teocentrismo imposto pela Igreja Católica, até então detentora dos poderes temporal e eclesiástico, e experimenta outra medida, a antropocêntrica: o Homem como medida de seu Universo e, conseqüentemente, de si mesmo.

Concorrem para isto vários fatores, entre os quais se destacam:

- o desmoronamento da hegemonia católica, por força dos desmandos eclesiásticos que vêm à tona;
o surgimento da imprensa a partir de Gutenberg;
a falência do feudalismo e a conseqüente ascensão da burguesia;
- a expansão comercial e o desenvolvimento técnico-científico — Galileu Galilei destrona a crença no sistema geocêntrico de Ptolomeu e prova a verdade do sistema heliocêntrico, o que lhe valeu ser processado pela Inquisição —, que leva o homem a percorrer "mares nunca dantes navegados", chegando Portugal à costa brasileira e às Índias.

Dado o seu privilégio geográfico, Portugal lança-se, como já vimos, à aventura marítima, enriquece subitamente, evidencia-se como potência europeia, tornando-se centro cultural de grande importância. Todo esse processo marca definitivamente a produção artística do homem do período clássico: o Classicismo português começa em 1527, quando o poeta Sá de Miranda, regressando da Itália, introduz em Portugal as novas ideias estéticas do Renascimento, o chamado "doce estilo novo", ou "medida nova", suas modalidades poéticas. Termina em 1580, ano em que o país passa para o domínio espanhol, sob o governo de Filipe II da Espanha.

Sob os reinados de D. Manuel, o Venturoso (1495-1521), e de seu filho D. João III (apesar do catolicismo fanático, severo e proibitivo que este e sua mulher, a rainha D. Catarina, cultivaram), o Renascimento correspondeu, então, ao período de apogeu político e econômico de Portugal, época em que a nação viveu intenso luxo e euforia como o "vasto Império" a que se refere Camões no poema. Vários acontecimentos históricos contribuíram para isso, como a descoberta do caminho marítimo para as Índias por Vasco da Gama, em 1498; o "achamento" do Brasil, em 1500; a conquista de várias regiões na África entre 1507 e 1513 e a viagem de circunavegação realizada por Fernão de Magalhães, em 1519-1520.

A prosperidade econômica que advém desses acontecimentos torna Lisboa um importante centro comercial, e a Corte conhece um luxo desmedido, com a maioria acreditando em uma situação de riqueza inextinguível. Era inevitável um otimismo ufanista exagerado, porém, enganador, o que só foi percebido pelos espíritos mais lúcidos e conscientes da possível efemeridade dessa posição: o episódio do Velho do Restelo e o epílogo de *Os Lusíadas*, por exemplo, ilustram essa consciência por parte de Luís de Camões.

Durante o reinado de D. João III, ocorreram avanços e recuos culturais que revelam o ambiente econômico e político da época, marcado pela oposição entre a burguesia — com uma nova visão de mundo,

mercantilista, expansionista, baseada na ideologia de lucro e prosperidade — e a nobreza — tradicionalista, religiosa e conservadora. Sob o ponto de vista econômico, Portugal não tinha condições materiais para arcar com os investimentos necessários em suas colônias. Assim, endividado com os países protestantes por causa de empréstimos sucessivos, via-se, ainda, ameaçado no mar por piratas e corsários e submetia-se, cada vez mais, à atuação da Inquisição (que agia desde D. João III), principalmente no período em que reinou D. Sebastião (1554-1578).

Tendo ascendido ao trono aos catorze anos, D. Sebastião, o "rei menino", preocupou-se, fundamentalmente, com os ideais de conquista e expansão da fé, até ser esmagado, juntamente com o exército luso, em território marroquino, na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578. Ainda mais endividado e enfraquecido, o país passaria para o domínio espanhol dois anos depois.

A literatura portuguesa renascentista vai ilustrar toda a euforia e o otimismo do começo do anos 1500, mas refletirá, também, o desalento dos mais lúcidos em relação à efemeridade dessa ilusão, como se pode observar na maior obra do século, *Os Lusíadas*.

O Classicismo Renascentista

O Renascimento foi antecedido e preparado pelo Humanismo — movimento cultural do fim da Idade Média, que já se caracterizava pela volta dos interesses para o Homem, e não mais para Deus; assim, redescobrem-se os valores culturais da Antiguidade Clássica (o mundo greco-latino), que serão estudados, decifrados e compreendidos, para serem depois ressuscitados e adotados como modelos de perfeição estética na arte renascentista. Esse interesse pelo Homem e pelas realizações humanas conduz ao conceito de Homem integral, ao antropocentrismo pleno: altera-se a concepção de vida, centrada agora no Homem e não mais em Deus: ao teocentrismo medieval, opõe-se uma visão de mundo antropocêntrica — o Homem passa (volta) a ser a "medida de todas as coisas", como afirmara Protágoras.

Por ser o *antropo* a nova medida das coisas, a natureza do homem é objeto de muito estudo, a fim de prová-lo como ser empreendedor, pronto aos desafios da existência, voltado para um futuro cada vez mais promissor. É a visão humanística do período. O mundo tem, agora nova perspectiva: sai da redoma do teocentrismo, quando o homem aguardava soluções e explicações sobre si e sobre o universo e caminha altivo à busca de pesquisa, de Ciência, de razão. Há, enfim uma visão universalista e uma visão racionalista.

A nova confiança na capacidade humana expressa-se numa arte que procura e reflete o equilíbrio, a harmonia, a equidistância e o uso da inteligência na compreensão do Cosmos. Assim, com uma concepção de arte baseada na identificação com os ideais clássicos gregos e latinos e na sua imitação, o Renascimento apresenta ainda as seguintes características:

- o racionalismo, no controle da razão sobre a emoção, a fim de evitar seu transbordamento;
- a busca do saber concreto, científico, apoiado no uso da inteligência e da razão;
- o universalismo e o impessoalismo, numa concepção absolutista de arte, que deveria expressar os valores e verdades eternas e superiores, buscando o Bem, a Beleza, a Verdade, a Perfeição;
- o culto da forma, na aceitação dos modelos pré-estabelecidos e na valorização da perfeição formal e da pureza da Língua em prosa e em poesia;
- o neoplatonismo amoroso, na visão sublimada do ser amado;
- a mimese aristotélica, na identificação da arte com a natureza;
- o hedonismo, no apego aos valores terrenos, na fruição dos prazeres carnis, no pleno gozo da existência, associado ao politeísmo clássico;
- clareza, simplicidade, vernaculismo, pureza da linguagem.

O artista clássico retorna aos temas greco-romanos, por aceitar que aquele período alcançara a perfeição filosófica e estética, sepultada no período medieval. Daí o aproveitamento do ideal aristotélico (mimesis), a busca da perfeição formal e a seleção de temas nobres, retomados da mitologia greco-latina.

A Itália, berço da visão clássica, traz as inovações artístico-literárias: conhece-se o soneto, retomam-se, entre outras, a ode e a elegia, formas poéticas da Antiguidade.

Nessa época, está na Itália o poeta português Francisco Sá de Miranda, em contato, principalmente com Petrarca. Lá conhece a feitura do verso decassílabo, conhecido como "*il dolce stil nuovo*" que virá substituir as surradas redondilhas. Toma conhecimento também da técnica do soneto. Sá de Miranda passou seis anos em terra italiana, alimentando o espírito com as inovações artísticas desenvolvidas no berço romano.

A literatura de Portugal no Classicismo

O Renascimento em Portugal não abandonou o espírito medieval; ao contrário, as duas formas de cultura — a medieval e a renascentista — convivem lado a lado e se influenciam mutuamente ao longo do século XVI, conferindo ao período um caráter bifronte. Explica-se, desse modo, a presença da chamada "medida velha" (medieval) ao par da "medida nova" (clássica) trazida por Sá de Miranda da Itália e rapidamente absorvida e cultivada em Portugal.

Responsável pela introdução do verso decassílabo (medida nova) em Portugal, Sá de Miranda é considerado o introdutor do *dolce stil nuovo* na literatura lusa. Ele próprio compôs versos na medida nova sem abandonar a medida velha (versos redondilhos), motivo por que é visto como um precursor da nova lírica e, ao mesmo tempo, conservador das formas palacianas. Mas não é apenas no metro que Sá de Miranda se revela conservador: seus temas também denunciam tal prática.

Não é demais citar no período clássico a presença de autores como Antônio Ferreira, com *Poemas Lusitanos*; Bernardim Ribeiro, com *Menina e Moça*, além de Fernão Mendes Pinto, com *Peregrinação*, um relato de viagem. Cabe, entretanto, a Luís Vaz de Camões a grande glória do Classicismo português e — por que não dizer — a literatura em língua portuguesa, se pensarmos apenas em *Os Lusíadas*.

A vida e a obra de Camões

Não há registro sistemático sobre a vida de Luís Vaz de Camões. Há dados que permitem algumas conclusões, como a de que teria nascido por volta de 1524/1525, em Santarém, Lisboa, Coimbra ou Alenquer.

De família pobre, porém fidalga, prestadora de serviços ao rei, notam-se em sua obra uma sólida formação cultural, muita erudição e o conhecimento das ciências da época. Passou, provavelmente, a juventude em Coimbra, na companhia de um tio prior do mosteiro de Santa Cruz e chanceler da Universidade. Em 1543 já está na Corte, em Lisboa, onde começa a parte tumultuada de sua vida. Exímio espadachim, repentista, talentoso, boêmio, envolve-se com as damas da Corte, entre as quais D. Catarina de Ataíde — a Natércia de vários poemas — e a princesa D. Maria, filha de D. Manuel. Com suas atitudes temperamentais e seus casos rumorosos, desperta invejas e provoca constrangimentos no ambiente religioso e severo mantido por D. João III e a rainha D. Catarina.

Cumprindo o serviço militar em Ceuta, perde o olho direito e tem parte do rosto dilacerada. Volta para Lisboa e, numa procissão de Corpus Christi, fere em briga um funcionário do paço, sendo posto em ferros. Perdoado pela vítima e pelo rei, requer a este a liberdade, com a condição de incorporar-se às tropas que partiriam para as Índias. Parte em 1553, como soldado raso, só retornando a Lisboa em 1569.

A aventura da viagem lhe serviria como base para a ação central de *Os Lusíadas*, já que lhe permite refazer o itinerário de Vasco da Gama em busca do caminho marítimo para as Índias, aonde o poeta chega em fins de 1553. Três anos depois, está na China, em Macau, nomeado "provedor-mor dos defuntos e ausentes". Lá teria escrito a primeira parte do poema. Envolvido em novas irregularidades, vai a Goa para defender-se das acusações, mas naufraga na foz do rio Mecon. Salva-se a nado, levando o manuscrito do poema e, como quer a lenda, perdendo sua amada Dinameme, a quem dedicou o soneto "Alma minha gentil que te partiste...". Preso em Goa, é solto graças à ajuda de amigos. Em 1567 está em Moçambique, iniciando o retorno à pátria. Chega a Cascais em 1568.

Em 1571 obtém de D. Sebastião o privilégio para a impressão de *Os Lusíadas*, que seria seguido do alvará da Inquisição, assinado por Frei Bartolomeu Ferreira. Publicado em 1572, o poema trazia no

frontispício a figura de um pelicano com o pescoço voltado para a esquerda do leitor, ladeado por dois golfinhos. Imortalizava-se o nome do poeta e o de sua pátria, cantado na obra que seria acolhida com grande entusiasmo em Portugal e também em alguns países da Europa. No entanto, oito anos depois morria Camões na mais profunda miséria e abandono, sucumbindo a uma epidemia de peste que novamente assolava Lisboa. Foi o poeta enterrado em vala comum, provavelmente em 10 de junho de 1580:

"Sem psalms, nem acompanhamentos, levaram o corpo morto embrulhado, porque nem caixão teve, á próxima egrijinha de Santa Anna, onde foi lançado apressadamente, como outros mortos de peste, no carneiro subterrâneo, está claro que sem porem signal algum em que mais tarde fosse possível reconhecer o cantor dos Lusíadas, o imortal glorificador de Portugal. O dia da morte, e certamente o do enterro, era uma sexta-feira, 10 de junho de 1580." (Guilherme Storck, Vida e obras de Luís de Camões, tradução de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, ap. em Os lusíadas, edição crítica de Francisco da Silveira Bueno) Seus (?) restos mortais se encontram hoje na igreja dos Jerônimos, juntamente com as cinzas de Vasco da Gama, ao lado do sarcófago de D. Sebastião.

Logo após a morte do poeta, no mesmo ano, Portugal perderia sua autonomia política, anexado à Espanha pelo rei D. Filipe II, e permanecendo cativo por sessenta anos, até a "Restauração" em 1640, quando o Duque de Bragança é coroado D. João IV.

Camões escreveu poesia lírica e épica, e também três peças de teatro: *El-Rei Seleuco* e *Auto de Filodemo* e *Anfitriões*. Na lírica, cultivou a "medida velha" medieval (lírica popular, tradicional, expressa em redondilhas) e também a "medida nova" (lírica clássica, renascentista, expressa nos sonetos, odes, canções, élogos etc.). Sua poesia épica é representada por *Os Lusíadas*.

Os Lusíadas: a maior epopeia ocidental moderna

A obra *Os Lusíadas* é tida como o "Poema da Raça", a "Bíblia da Nacionalidade" portuguesa, o "Hino ao Apogeu de Portugal". Epopeia das conquistas dalém-mar e das grandezas lusas, tem como eixo central da narrativa a viagem de Vasco da Gama às Índias, que partiu de Portugal em 08 de julho de 1497 e chegou a Calicut a 24 de maio de 1498.

A viagem não é contada em ordem linear, cronológica. O poema segue o modelo clássico da epopeia, inspirado, principalmente, na *Eneida*, de Virgílio, e nas epopeias de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Tem, portanto, estrutura clássica: contém dez cantos, 1102 estrofes ou estâncias, num total de 8816 versos. As estâncias são organizadas em oitava-rima ou oitava-real (oito versos com esquema rímico ABABABCC); os versos são decassílabos, em sua grande maioria, heróicos (com cesura na 2ª., 3ª. ou 4ª. sílaba, na 6ª. e na 10ª.).

Divide-se nas seguintes partes:

- **Introdução:** abrange as 18 primeiras estâncias do Canto I e é subdividida, por sua vez, em três partes:
- **Proposição:** estâncias 1 a 3, em que o poeta se propõe a cantar as glórias portuguesas, que ele considera superiores a quaisquer outras, destacando os navegantes, o exército, os reis e os heróis da pátria:

"As armas e os Barões assinalados,
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram inda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram.

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando

A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta."

Invocação às Tágides: abrange as estâncias 4 e 5; aqui, o poeta cria ninfas portuguesas — ninfas do rio Tejo, as Tágides — e pede a elas inspiração para o seu canto, para fazer a poesia épica, que nunca fizera antes:

"E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto, e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente,
Porque de vossas águas Febo ordene,
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou fruta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda.
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda.
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso."

Dedicatória a D. Sebastião: abrange as estâncias 6 a 18 e é feita ao jovem D. Sebastião, à maneira de invocação, a cujas expensas se fez a primeira publicação do poema. O poeta refere-se ao monarca como "poderoso rei", "segurança da antiga lusitana liberdade", "esperança de aumento da pequena cristandade", e mostra a extensão do Império português, "alto Império", que "o Sol, logo em nascendo, vê primeiro" e "quando desce o deixa derradeiro", exaltando a grandeza do reino e de seu soberano:

"E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade.
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade,
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

[...]

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império,
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro;

Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio,

Inclinai por um pouco a majestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao Eterno Templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos divulgados numerosos.

Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno,
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.
[...]"

Narração: é a parte mais longa do poema, o seu "corpo". Estende-se da estância 19 do Canto I à estância 144 do Canto X. Quando a ação começa, as naus estão navegando em pleno Oceano Índico, no meio da viagem; o início da viagem e seus preparativos só serão relatados mais tarde, em *flash back*, após a chegada a Melinde.

"Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu (*) são cortadas."

*Próteu: Proteu, pastor de Netuno, que mudava de aspecto toda vez que precisava desse disfarce para fugir. O gado de Proteu são todos os animais marinhos que vivem em bando ou em cardume.

- **Canto I:** Com os navegantes em alto mar (Oceano Índico), realiza-se o Concílio dos Deuses no Olimpo, para decidirem acerca da sorte dos portugueses; Vênus, a deusa da beleza e do amor, defende-os contra Baco (deus do vinho e protetor do oriente) e consegue vencer, graças ao apoio de Júpiter e Marte. Cumpre-se o Fado, que determina as descobertas ultramarítimas.
- As naus chegam a Moçambique e Vasco da Gama desce a terra; graças à ajuda de Vênus, consegue desvencilhar-se de uma armadilha de Baco e segue viagem. Chegam a Mombaça e não atacam, alertados novamente por Vênus, que percebera nova cilada de Baco.
- **Canto II:** A viagem de Mombaça a Melinde é marcada por tentativas traiçoeiras de Baco. Vênus pede a Júpiter mais proteção para os navegantes e a obtém. Ele envia Mercúrio para direcionar o caminho dos portugueses. Chegam a Melinde e são magnificamente recebidos: o rei de Melinde vem a bordo e pede ao Gama que lhe conte a história de Portugal.
- **Canto III:** O poeta interrompe a narrativa para invocar Calíope, a musa protetora da poesia épica e da eloquência, para que ela lhe ensine o que "contou o ilustre Gama", a fim de que ele consiga reproduzi-lo "com imortal canto e voz divina". Vasco da Gama descreve a Europa, localiza geograficamente Portugal e inicia o relato desde a fundação da Lusitânia por Luso (figura mitológica, filho de Baco, que teria fundado a Lusitânia e dado origem aos lusitanos ou

lusos, os portugueses). Passa por D. Henrique de Borgonha e continua através de uma série de episódios históricos: Egas Moniz (aio do príncipe D. Afonso Henriques, que ofereceu sua vida e a de sua família, para manter sua palavra, já que o príncipe não cumprira a dele; o rei castelhano lhe perdoou), a batalha de Ourique, a batalha do Salado (luta entre cristãos e mouros, às margens do rio Salado, com a vitória dos cristãos, comandados por D. Afonso IV de Borgonha) e Inês de Castro.

- **Canto IV:** O Gama continua seu relato histórico, abordando desde o reinado de D. Fernando de Borgonha até o de D. Manuel, o Venturoso, que mandou pôr as caravelas no mar para a viagem. Relata a batalha de Aljubarrota, a tomada de Ceuta, o sonho profético de D. Manuel. Conta sobre os preparativos da viagem e a partida das naus, com a fala do Velho do Restelo.
- **Canto V:** O Gama conta a primeira parte da viagem, de Lisboa a Melinde, que teve como incidentes importantes o Fogo de Santelmo (fenômeno natural que provoca o aparecimento de fogo no mar a partir da combustão do óleo), a aventura do Veloso, o Gigante Adamastor. Finalmente, chegada a Melinde.
- **Canto VI:** O Gama despede-se do rei de Melinde e as naus partem para a Índia. No intuito de vingar-se da ousadia dos portugueses, Baco desce ao fundo do mar para incitar os deuses marinhos contra a armada. Éolo, o deus dos ventos, decide soltá-los para destruir a frota. Enquanto os deuses deliberam, dura a calmaria e é contado o caso dos Doze da Inglaterra. Irrompe a tempestade, mas Vênus envia ninfas amorosas para abrandar a fúria dos ventos. Cessada a tormenta, chegam a Calicut, termo da viagem. O poeta faz considerações sobre a verdadeira honra e a fama.
- **Canto VII:** O poeta continua suas considerações, refletindo sobre a política europeia à época da viagem; descreve a Índia e retoma a narração. O Gama desembarca e é recebido pelo Samorim, enquanto Paulo da Gama recebe a bordo o Catual. Camões interrompe novamente a narração para invocar as ninfas do Tejo e do Mondego (rios de Portugal), a fim de que possa reproduzir o discurso de Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama.
- **Canto VIII:** Paulo da Gama explica ao Catual o significado das figuras estampadas nas bandeiras. Nova investida de Baco é desfeita; o Samorim pede que o Gama aproxime suas naus, para fazerem trocas de mercadorias, mas Vasco da Gama desconfia de uma armadilha e deixa-se aprisionar, sendo resgatado depois.
- **Canto IX:** Alcançado o objetivo, os navegantes preparam-se para retornar à pátria. Vênus resolve recompensá-los por sua bravura e pede ajuda ao filho Cupido. Os portugueses vêm uma ilha maravilhosa e param nela, onde são recebidos por ninfas e recebem delas seus favores.
- Depois do banquete, Tétis conduz Vasco da Gama ao topo da ilha e desvenda-lhe a "máquina do mundo" e o destino glorioso dos portugueses. A frota deixa a ilha e parte para Portugal.
- **Epílogo:** estende-se da estância 145 à estância 156 do Canto X. Triste e pessimista, melancólico, o poeta censura a embriaguez dos portugueses com as glórias conquistadas no além-mar. A exaltação patriótica anterior cede lugar a uma desalentada e deprimida confissão de visionário, como se Camões, descontente e decepcionado, antevisse o desfecho de uma decadência já observável: a tragédia histórica que se abateria sobre Portugal, ao perder sua autonomia para a Espanha em 1580, apenas oito anos depois da publicação do poema. A primeira estância do Epílogo já deixa transparecer essa desilusão do poeta:

"Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e da rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza."

O episódio de INÊS DE CASTRO: Canto III, estâncias 118 a 135

O episódio de **Inês de Castro** ocupa as estâncias 118 a 135 do Canto III de *Os Lusíadas* e relata o assassinato de Inês de Castro, em 1355, pelos ministros do rei D. Afonso IV de Borgonha, pai de D. Pedro, seu amante. É narrado, em sua maior parte, por Vasco da Gama, que conta a história de Portugal ao rei de

Melinde. Considerado um dos mais belos momentos do poema, é a um só tempo um episódio histórico e lírico: por trás da voz do narrador, e da própria Inês, percebe-se a voz e a expressão pessoal do poeta.

O episódio inicia-se com a referência à batalha do Salado, de onde Afonso IV retornara, após a vitória contra os mouros:

"Passada esta tão próspera vitória,
Tornando Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha,
Que depois de ser morta foi Rainha."

Em seguida, o narrador dirige-se ao Amor, responsabilizando-o pela morte de Inês, pois não se satisfaz com lágrimas tristes: exige também o sangue dos amantes.

"Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano."

Evoca a imagem de Inês nos campos do Mondego e descreve o grande amor que a unia a Pedro de Borgonha. Refere-se ao fato de que este, viúvo (de D. Constança), contrariava os desejos do pai, rejeitando, por causa de Inês, um novo casamento. Desgostoso, o rei determina a morte de Inês, acreditando que isso podia libertar o filho daquela paixão:

"Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.
Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante teus olhos te traziam,
Quando de teus formosos te apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, em fim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.
De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, em fim, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai, sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria.
Tirar Inês ao mundo determina,

Por lhe tirar o filho que tem preso,
 Crendo c'ó sangue só da morte indina
 Matar do firme amor o fogo aceso.
 Que furor consentiu que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra ua fraca dama delicada?"

Conduzida à presença do rei, Inês levanta os olhos para o céu e, vendo os filhos que ficariam órfãos com sua morte, defende-se, argumentando que até entre feras se encontrara piedade com crianças, referindo-se ao caso de Semíramis e dos gêmeos fundadores de Roma. Suplica por sua vida, implorando ao rei que a envie para os lugares mais distantes, onde pudesse criar os filhos. Comovido, D. Afonso quer perdoar-lhe, mas o povo o persuade a fazer o contrário:

"Traziam-na os horríficos algozes
 Ante o Rei, já movido a piedade;
 Mas o povo, com falsas e ferozes
 Razões, à morte crua o persuade.
 Ela, com tristes e piedosas vozes,
 Saídas só da mágoa e saudade
 Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
 Que mais que a própria morte a magoava,

Pera o céu cristalino alevantando
 Com lágrimas, os olhos piedosos
 (Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Um dos duros ministros rigorosos),
 E depois nos mininos atentando,
 Que tão queridos tinha e tão mimosos,
 Cujas orfandade como mãe temia,
 Pera o avô cruel assi dizia:

— Se já nas brutas feras, cuja mente
 Natureza fez cruel de nascimento,
 E nas aves agrestes, que somente
 Nas rapinas aéreas tem o intento,
 Com pequenas crianças viu a gente
 Terem tão piadoso sentimento,
 Como co'a mãe de Nino já mostraram ⁽¹⁾
 E c'os irmãos que Roma edificaram; ⁽²⁾"

(1) "mãe de Nino": Parece ter havido certa confusão do poeta, pois Semíramis, rainha da Assíria, era, na verdade, mulher de Nino e mãe de Nínias. Segundo a lenda, ela foi abandonada numa floresta para morrer, mas pombas e outras aves a alimentaram e a criaram.

(2) "*irmãos de Roma*": referência aos gêmeos Remo e Rômulo, criados, segundo a lenda, por uma loba; no entanto, loba (Lupa) era o apelido de Laurentia, mulher do pastor Fáustolo, que encontrou os dois às margens do rio Tibre, o que contraria a imagem do Capitólio, em Roma, com os dois meninos e a loba.

"Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
 (Se de humano é matarsua donzela,
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencê-la),
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens à morte escura dela;
 Mova-te a piedade sua e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

E, se vencendo a maura resistência,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe também dar vida com clemência,
 A quem pera perdê-la não fez erro
 Mas, se to assi merece esta inocência,
 Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
 Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente, ⁽³⁾
 Onde em lágrimas viva eternamente;"

(3) "*Cítia fria, Líbia ardente*": os dois extremos climáticos, praticamente insuportáveis para o homem.

"Põe-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres, e verei
 Se neles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei.
 Ali, c'ó amor intrínseco e vontade
 Naquele por quem morro, criarei
 Estas relíquias suas que aqui viste,
 Que refrigério sejam da mãe triste —

Queria perdoar-lhe o rei benigno,
 Movido das palavras que o magoam;
 Mas o pertinaz povo e seu destino
 (Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino
 Os que por bom tal feito ali apregoam.
 Contra ua dama, ó peitos carniceros,
 Feros vos amostrais e cavaleiros?!"

O narrador compara a morte de Inês à tragédia de Policena, noiva de Aquiles:

"Qual contra a linda moça Policena, ⁽⁴⁾
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condena, ⁽⁴⁾
 Co ferro o duro Pirro se aparelha; ⁽⁴⁾
 Mas ela, os olhos com que o ar serena
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na mísera mãe postos, que endoudece, ⁽⁴⁾
 Ao duro sacrifício se oferece:

Tais contra Inês os brutos matadores,
 No colo de alabastro, que sustinha
 As obras com que Amor matou de amores
 Aquele de depois a fez Rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flores,
 Que ela dos olhos seus regados tinha,
 Se encarniçavam, férvidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos."

(4) "*Policena*", "*Achiles*", "*Pirro*", "*Na mísera mãe postos, que endoudece*": Policena era filha de Hécuba e Príamo, rei de Troia. Aquiles, herói grego e inimigo dos troianos, apaixonou-se por ela e pediu-a em casamento, recebendo, como resposta, a condição de trair os gregos, a qual ele rejeita. Aquiles, em combate, mata Heitor, filho de Príamo e irmão de Policena, e Príamo vai até o herói reclamar o corpo do filho, levando Policena como intermediária. Aquiles repete o pedido e o casamento é realizado secretamente num pequeno templo, com a presença apenas de Príamo, Páris e seu irmão Deífobo; no momento em que Aquiles abraça este último, Páris, aproveitando-se da ocasião, desfecha-lhe uma flechada no calcanhar, seu

único ponto vulnerável. Existem controvérsias quanto ao destino de Policena, se teria ela cometido suicídio no túmulo de Aquiles, ou, — conforme Eurípedes e Ovídio, e como parece acreditar Camões — sido sacrificada — degolada — por Pirro, filho de Aquiles. Se foi assim, Hécuba, mãe dela, estava presente ao sacrifício e enlouqueceu de dor.

O narrador, agora, refere-se ao hediondo caso de Tiestes, que comeu os próprios filhos por obra de seu irmão Atreu, afirmando, em tom de lamento, que, como fizera naquele dia, o sol devia esconder-se por causa do assassinato de Inês:

"Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes, (5)
Quando os filhos por mão de Atreu comia! (5)
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!"

(5) "*mesa de Tiestes*", "*por mão de Atreu*": Segundo Ovídio, Atreu, rei de Micenas, querendo vingarse do próprio irmão por ele tê-lo traído com sua mulher, mandou matar-lhe os filhos Tântalo e Plístenes, servindo-lhe a carne deles depois. O horror desse crime fez o sol esconder-se, envolvendo a terra em trevas.

Finalmente, o narrador dirige-se aos vales, lembrando que eles haviam ecoado a última palavra pronunciada por Inês: Pedro. Compara a "pálida donzela" morta a uma flor, a bonina, quando arrancada por uma criança antes do tempo certo. E termina dizendo que as ninfas do Mondego choraram durante muito tempo a morte de Inês, fazendo de suas lágrimas nascer uma fonte, a "fonte dos amores de Inês":

"Assi como a bonina que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da minina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, coa doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura,
"Dos amores de Inês", que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores!"

O episódio do VELHO DO RESTELO: Canto IV, estâncias 89 a 104

Introdução:

Os túmulos de Vasco da Gama e de Camões ficam lado a lado, à entrada do Mosteiro dos Jerônimos que, construído por D. Manuel, constitui uma das maravilhas góticas de Portugal e é considerado um dos símbolos da época gloriosa da história portuguesa. No lugar onde fica hoje esse Mosteiro, na praia do Restelo, no bairro do Belém, havia uma ermida de N. Senhora, erguida pelo Infante D. Henrique. Foi dali que os navegantes saíram em procissão para o embarque. Eram três naus e uma caravela: a *S. Gabriel*,

comandada por Vasco da Gama, a *S. Rafael*, comandada por Paulo da Gama, seu irmão mais velho, que não conseguiu regressar com vida, tendo morrido no fim da expedição, a caravela *Bérrio*, sob o comando de Nicolau Coelho e mais outra nau, sob as ordens de Gonçalo Nunes. Participou também da viagem Bartolomeu Dias, que primeiro dobrara o Cabo "Não". As estâncias a seguir são as que antecedem o episódio do Velho do Restelo:

"Partimo-nos assi do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, por exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós, co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Para os batéis viemos caminhando.

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo."

O episódio:

O episódio do Velho do Restelo estende-se da estância 89 a 104 do Canto IV e apresenta resquícios da mentalidade medieval, pois contém uma severa crítica à ambição e à cobiça pela fama e por riquezas, próprias do expansionismo ultramarítimo.

Inicia-se relatando a partida das naus — comandadas por Vasco da Gama — do porto de Lisboa: uma multidão tinha acorrido ao local, para assistir ao grande acontecimento, considerando já perdidos os marinheiros, por causa do perigo a que se expunham. Mães, esposas e irmãs sofriam com a separação e lamentavam-na, acompanhadas pelos velhos e as crianças. Com o intuito de não prolongar tal sofrimento e de evitar as despedidas, Vasco da Gama ordenou, então, que os homens embarcassem:

"Qual vai dizendo — "Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?"

Qual em cabelo — "Ó doce e amado esposo,
Sem que não quis Amor que viver possa,
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?"

Como, por um caminho duvidoso,
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento,
 Quereis que com as velas leve o vento?"

[...]

Nós outros, sem a vista alevantarmos
 Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do propósito firme começado,
 Determinei de assi nos embarcarmos,
 Sem o despedimento costumado,
 Que, posto que é de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa."

Nesse instante, porém, um velho, de aspecto venerável, que estava na praia entre as pessoas, levanta a voz e começa um discurso, criticando duramente a "glória de mandar" e a "vã cobiça" da " vaidade a quem chamamos Fama".

"Mas um velho, de aspeito venerando,
 Que ficava na praia, entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Três vezes a cabeça, descontente,
 A voz pesada um pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 C'um saber só de experiências feito,
 Tais palavras tirou do experto peito:

— "Ó glória de mandar, ó vã cobiça
 Desta vaidade a quem chamamos Fama!
 Ó fraudulento gosto, que se atija
 C'uma aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades neles experimentas!"

Referindo-se à Fama, o Velho personifica-a e afirma que ela é fonte de adultérios e responsável pela destruição de reinos e riquezas, e pergunta a que novos desastres ela conduzirá aquele povo, e sob quais promessas os está enganando:

"Dura inquietação d'alma e da vida
 Fonte de desemparos e adultérios
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazenda, de reinos e de impérios!
 Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
 Sendo dina de infames vitupérios;
 Chamam-te Fama e Glória soberana,
 Nomes com quem se o povo néscio engana!

A que novos desastres determinas
 De levar estes Reinos e estas gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas,
 Debaixo dalgum nome preminente?
 Que promessas de reinos e de minas
 De ouro, que lhe farás tão facilmente?
 Que famas lhe prometerás? Que histórias?
 Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?"

O Velho continua sua fala e dirige-se à geração de Adão, "aquele insano", cujo pecado privou o homem da inocência e causou seu desterro. Diz que o homem, iludido pela vaidade, despreza aquilo que até Jesus Cristo temeu perder, antes do sacrifício na cruz: a vida.

"Mas, ó tu, geração daquele insano
 Cujos pecado e desobediência
 Não somente do reino soberano
 Te pôs neste desterro e triste ausência,
 Mas inda doutro estado, mais que humano,
 Da quieta e da simples inocência,
 Idade de ouro, tanto te privou,
 Que na de ferro e de armas te deitou:

Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto te enlevas a leve fantasia,
 Já que à bruta crueza e feridade
 Puseste nome, esforço e valentia,
 Já que prezas em alta quantidade
 O desprezo da vida, que devia
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeu tanto perdê-la Quem a dá: ⁽¹⁾"

(1) "*Quem a dá* ": referência ao sacrifício de Jesus Cristo por nós; Ele chegou a suar sangue no Jardim das Oliveiras, sabendo o que iria suportar para salvar a humanidade e proporcionar-lhe a vida, dando em troca a Sua própria vida, na cruz.

O Velho sugere que, se o desejo daqueles que partiam para longe era combater em nome da fé cristã, que se contentassem com os mouros que tinham junto de si, em vez de ir buscá-los em terras distantes. Em seguida, amaldiçoa o homem que primeiro construiu uma embarcação, considerando-o digno do inferno e do esquecimento total por parte das gerações:

"Não tens junto contigo o ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Não segue ele do Árábio a lei maldita,
 Se tu pela de Cristo só pelejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras e riqueza mais desejas?
 Não é ele por armas esforçado,
 Se queres por vitórias ser louvado?"

Deixas criar às portas o inimigo,
 Por ires buscar outro de tão longe,
 Por quem se despovoe o Reino antigo,
 Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
 Buscas o incerto e incógnito perigo
 Por que a Fama te exalte e te lisonje
 Chamando-te senhor, com larga cópia,
 Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia?"

Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
 Nas ondas vela pôs em seco lenho!
 Digno da eterna pena do profundo ⁽²⁾
 Se é justa a justa Lei que sigo e não tenho!
 Nunca juízo algum alto e profundo,
 Nem cítara sonora ou vivo engenho,
 Te dê por isso fama nem memória,
 Mas contigo se acabe o nome e glória!"

(2) "*profundo*": referência ao inferno.

Continuando, faz o Velho referência a Prometeu, que roubou o fogo dos deuses e o apresentou aos homens, originando as guerras no mundo:

"Trouxe o filho de Jápeto do céu ⁽³⁾
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano)!
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera ⁽⁴⁾
Fogo de altos desejos que a movera!"

(3) "*Filho de Jápeto*": O filho de Jápeto é Prometeu, que roubou o fogo do céu reservado a Júpiter e com ele deu vida ao homem que ele formara de barro. Prometeu ensinou as artes aos homens e fez a humanidade progredir pela aplicação útil do fogo. Foi acorrentado por Júpiter a um rochedo do Cáucaso e teve o fígado indefinidamente destruído por um abutre e reconstruído novamente. É símbolo dos que sofrem opressões injustas por quererem o bem da humanidade. O velho está culpando-o por ter dado vida ao homem com o fogo e, assim, despertando-lhe o gosto por ele; em sua opinião, seria preferível que o homem tivesse permanecido estátua, porque provocaria menos danos.

(4) "*estátua ilustre*": referência ao homem criado por Prometeu, segundo a lenda grega.

O Velho menciona, ainda, o labirinto de Creta e seu arquiteto, Dédalo, punido pela ambição de voar juntamente com seu filho Ícaro. Finalmente, lamenta que os homens se deixem sempre tentar pelas grandezas e lastima nossa "miserável sorte" e "estranha condição", postura a que fará eco o tom melancólico e desencantado do epílogo do poema:

"Não cometera o moço miserando ⁽⁵⁾
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitecto co' o filho, dando, ⁽⁶⁾
Um, nome ao mar, e, o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração,
Miserável sorte! Estranha condição!"

(5) "*o moço miserando*": Faetonte, filho de Apolo (Sol) e de Cimene. Um dia, guiou o carro de fogo de seu pai e os cavalos, percebendo sua inexperiência, dispararam pelo céu, acabando por aproximar-se muito da terra e queimá-la, fazendo surgir os africanos, segundo a lenda. Júpiter castigou Faetonte, fulminando-o e fazendo-o cair na Itália, no rio Padus, hoje rio Pó.

(6) "*O grande arquitecto co' o filho*": referência a Dédalo, o construtor do labirinto de Creta, que de lá fugiu usando asas de cera. O filho é Ícaro que, imitando-o, voou tão alto, que o sol derreteu suas asas. Ele caiu no mar Egeu, chamado, também, de Icário. O fogo da cobiça, do desejo, seria responsável pelas ações humanas.

Atividades

- (FUVEST) Qual a diferença mais significativa entre a poesia lírica e a épica? O tipo de verso ou o conteúdo? Justifique sua resposta.
- (FUVEST) Camões escreveu obra lírica ou épica? Justifique sua resposta, exemplificando com obras do autor.